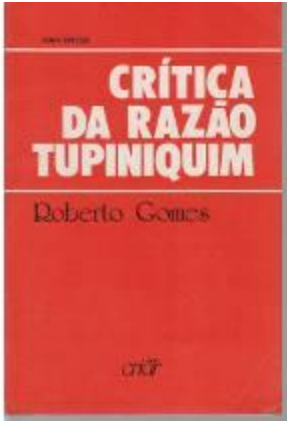


A **História da Filosofia no Brasil** refere-se à tradição do pensamento filosófico realizada por brasileiros dentro ou fora do Brasil. As atividades de reflexão filosófica foram trazidas pelos padres jesuítas na segunda metade do século XVI com as atividades do descobrimento das Américas, e se estende até os dias atuais com o processo de profissionalização universitária.

#### Origens:



Um dos pioneiros em utilizar a expressão "filosofia no Brasil" foi Sívio Romero, em sua obra historiográfica, *A filosofia no Brasil* (1878). É possível separar em três grandes momentos o desenvolvimento da história da filosofia no Brasil. A primeira metodologia de estudo de filosofia no Brasil foi marcada pela utilização do método da *Ratio Studiorum* introduzido pelos jesuítas no século XVI. No século XIX, foi marcado pela predominância do método ensaístico, com uma filosofia sem referência à tradição, pois era formada por eruditos provenientes de diversas áreas do conhecimento. Por fim, o último modo

moderno de se estudar filosofia teve seu princípio no século XX, marcado pela profissionalização e especialização dos estudos universitários. Seu marco foi na década de 1940 com a missão francesa na USP, introduzido por **Martial Gueroult** e **Victor Goldschmidt**. Contudo, o estudo da história da filosofia baseado apenas em comentários ocasionou a pouca produtividade filosófica no país como é atestada por **Roberto Gomes** no livro *A Crítica da Razão Tupiniquim* (1977).



Arquivo FFCCL-USP

Um dos primeiros compiladores contemporâneos da Filosofia no Brasil foi **João Cruz Costa (1904-1978)**, autor de *Contribuição à História das Ideias no Brasil* (1949), que é citado por **Leopoldo Zea Aguilar (1912-2004)** em seu *Pensamiento Latinoamericano* (1965, segunda edição de *Dos etapas del pensamiento en hispanoamérica*, de 1949), utiliza o método historiográfico citado acima, o qual se baseia na perspectiva do papel das ideias na condução da história política e econômica, em disputa com uma perspectiva dialética que identifica a conjuntura socioeconômica como o berço no qual são acalentadas as ideias, críticas ou ideologias.

Em muitos casos a história da filosofia no Brasil tem sido um registro ou coleção de temas e conteúdos elaborados por pensadores que atuaram neste espaço geográfico. Há certa hegemonia do primeiro grupo, nos estudos do pensamento brasileiro, o que pode ser notado por meio de visita ao Blog Textos de Filosofia Brasileira, alimentado pelo **Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira (IFCS/UFRJ)**. Diferentemente, a concepção de **Cruz Costa** é de o Brasil ser um país de contrastes, que precisa ser compreendido em meio a esses dilemas, assim, também, a produção de ideias, até mesmo as ideias filosóficas.

Muitos autores compreendem por pensamento filosófico no Brasil um duplo projeto: a construção de linhas de interpretação do pensamento filosófico à luz das circunstâncias da realidade brasileira e a construção de linhas de pensamento filosófico oriundas da brasilidade ou pertinentes à brasilidade ou correspondentes à nacionalidade brasileira dos autores. É correlata a noção de história de filosofia no Brasil às de história de filosofias nacionais brasileiras aristocratas ou circunscritas a tradições culturais geograficamente determinadas. **João Cruz Costa** já anunciara que a investigação filosófica do "tema nacional" era algo nebuloso. Por um lado, a produção de conhecimento filosófico se dá em diálogo com a produção do conhecimento científico e a vida econômica, política, social e cultural de cada sociedade, em seu espaço e tempo determinados. Por outro lado, Cruz Costa aponta que o enfrentamento cultural que foi a chegada dos europeus às Américas implicou em um elemento novo no processo de modernização pelo qual passava a Europa, e gerou simultaneamente uma relação mimética com a cultura europeia.



**Antônio Paim** um dos principais pesquisadores do pensamento brasileiro classifica nossos pensadores segundo a estrutura apresentada a seguir: período colonial, período imperial e período republicano. Como se nota, essa periodização respeita à clássica divisão historiográfica da história nacional, procura-se, por meio dela, agrupar pensadores por meio dos períodos históricos, sem necessariamente relacioná-los à conjuntura social, econômica, política e cultural nas quais produzem suas obras. Por exemplo, não há, na obra de Paim, discussões sobre o papel do aristotelismo no pensamento colonial e suas conexões, ou inexistência delas, com a economia escravagista. Parece, por conseguinte, necessário avançar por uma perspectiva historiográfica que faça tais conexões.

### **Período Colonial: Século XVI**

O processo do descobrimento das Américas causou profundas mudanças nas perspectivas filosóficas na Europa, que vivia seu momento final do renascimento. O fulcro da questão era sobre os povos nativos do continente, os índios, que se encontravam numa organização sociocultural completamente diferente dos povos europeus. O grande centro cultural e filosófico estava na Espanha com os padres da escolástica tardia da conhecida escola **de Salamanca**. Em Portugal o importante centro formador será a em Coimbra.



Um enorme debate aconteceu nos países ibéricos, conhecido como o **debate de Valladolid**, ocorrido no Colégio de São Gregório em 1550 e 1551. O debate foi entre **Juan Ginés de Sepúlveda** e Bartolomé **de las Casas**. O continente americano encontrava-se varrido pelos conflitos gerado pelos conquistadores hispânicos, com os avanços de **Hernán Cortés** sob o Império Asteca gerou diversas atrocidades, saques e escravização dos nativos americanos. A discussão girou em torno do conceito de guerra justa, cuja raiz encontra-se em **São Tomás de Aquino**, seria empreendida contra os nativos americanos. **Juan Ginés de Sepúlveda** defendia a conquista dos espanhóis e a escravização dos povos indígenas. Sepúlveda seguia uma perspectiva aristotélica, tendo por subsídio o livro I da Política onde se advoga que certos

povos nasceram para ser dominados e escravizados. "A fim de erradicar os crimes que ofendem a natureza" os índios deveriam ser punidos e, portanto, reduzindo-os à escravidão ou servidão estava de acordo com a teologia católica e a lei natural.

Em contraponto, **Bartolomé de las Casas** advogava que os povos latinos americanos tinham alma, eram homens livres na ordem natural e merecia o mesmo tratamento que outros, de acordo com a teologia católica. Essa defesa valeu para Casas o título de protetor dos índios. Dessa forma, foi consolidado o sistema de encomenda organizado pelas Leis Novas em 1542. Tal sistema que visava evitar a escravização indígena, e levar a fé católica e os princípios da civilização ocidental. A bula papal *Sublimus Dei* do Papa Paulo III escrita em 1537, teve influência sobre esse debate, pois demonstrava a posição contrária da Igreja em relação à escravização indígena.

Nos Ensaio de **Michel de Montaigne**, escrito em 1580, o autor se coloca em contraponto a colonização e a guerra justa empreendida contra os povos nativos. Refletindo que essa conquista da América refletia um lado bárbaro e selvagem por parte da civilização ocidental e cristã. O processo de colonização das Américas repercutiu na literatura da filosofia humanística em outros países. Forneceu base para os escritos de **Erasmus de Roterdan** sobre o Elogio da Loucura de 1511, Utopia, escrito em 1516 de **Tomás Morus**.

Muito desse debate será importante para formulação do direito internacional tendo os principais expoentes o escolástico de Salamanca **Francisco de Vitória** e o holandês **Hugo Grócio**.



Os jesuítas terão a mesma finalidade de levar a salvação das almas dos nativos americanos. Eles chegaram com a frota de **Tomé de Sousa** em 1549, fundando o Colégio de Salvador. Liderados pelo padre **Manuel da Nóbrega** entre outros importantes: **Leonardo Nunes**, **Vicente Pires** e **João de Azpilcueta Navarro**. Posteriormente, em 1553 chegou o padre **José de Anchieta**. Através deles que surgem os principais escritos sobre o Brasil que marca a literatura do quinhentismo. A filosofia passa a ser lecionada com suporte para formação do clero, que passou a seguir o

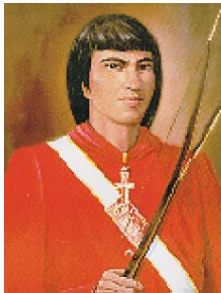
plano de estudos do *Ratio Studiorum* escrito em 1599. Esse livro que ditava os métodos de estudos, inspirado na escolástica tardia que foi adotado pelos padres jesuítas. Os padres também farão preciosos relatos sobre os eventos históricos da vida da colônia, sendo um dos precursores da historiografia brasileira **Frei Vicente do Salvador** com o livro *Historia do Brasil*.

Os jesuítas condenavam as práticas da vida dos nativos como a antropofagia e a poligamia, tendo por finalidade adaptar a moral da civilização cristã aos índios. Para esse processo de assimilação cultural uma das maiores contribuições intelectuais foi a sistematizaram a língua tupi. Todos esses elementos demonstravam a finalidade dos jesuítas de fazer dos tupis uma nova elite das nações cristãs. Essa iniciativa era uma importante estratégia organizada no Concílio de Trento para conter os avanços realizados na Europa pela Reforma Protestante. Até o século XVIII os jesuítas irão somar um número de 670 espalhados ao longo do país, em conventos, missões aldeias. Haverá um conflito em relação ao método de evangelização dos

nativos. Por um lado, alguns adotaram o modelo da fundação de Colégios e outros nas missões. O primeiro é baseado no discernimento, semelhante à encomenda onde os índios já evangelizados prestavam serviços aos colonos, ganhando alguma remuneração pelos serviços. O segundo, o das missões eram aldeamentos isolados, onde os índios evangelizados continuavam com seus modos de vida. Construíam uma cidade, às vezes murada, com Igrejas, escolas, e tudo isso eram organizado pelos padres. O clero advogava mais a última forma de evangelizar, pois, garantia que os índios não virariam escravos. Muitos conflitos ocorreram principalmente com os bandeirantes que buscavam mão de obra para produção agrícola da cana.

Os colégios educadores se espalham pelo Brasil. Sendo primeiro na cidade de Salvador fundado em 1549 pelo padre **Manuel da Nóbrega**, tendo como mestre o Irmão **Vicente Rodrigues**, contando apenas 21 anos. Irmão Vicente tornou-se o primeiro professor nos moldes europeus e durante mais de 50 anos dedicou-se ao ensino e a propagação da fé religiosa. Em 1554 o padre **José de Anchieta** funda os Colégios de São Paulo. Com a expulsão dos franceses é fundado em 1567 o Colégio do Rio de Janeiro. E um ano depois o Colégio de Olinda. Em 1570 o Brasil conta com cinco escolas elementares (Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga) e três colégios: (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia).

#### Período Colonial: Século XVII



Em 1638, a filosofia passou a ser ensinada em nível superior no Colégio do Rio de Janeiro. Essas correntes filosóficas europeias tiveram suas correspondências no país. Os representantes foram: **Diogo Gomes Carneiro**, **Nuno Marques Pereira**. Esta filosofia é conhecida como "saber de salvação." Sobressai-se também o **padre Vieira** com a sua moral da ação. Muitos resultados podem-se observar nos ensinamentos dos jesuítas, apesar de até esse momento não terem se destacado nenhum surgimento de um filósofo entre os brasileiros, surgem diversos nativos que se destacam entre eles **Filipe Camarão**. No campo do direito o santista **Alexandre Gusmão** vai ser um importante diplomata, defensor do direito de posse, vai ser o mentor do Tratado de Madrid que deu ao Brasil a extensão muito próxima a atual.

#### Período Colonial: Século XVIII



Até a segunda metade do século XVIII, a escolástica foi o pensamento predominante no Brasil, tendo como marca do filósofo no Brasil **Matias Aires**. Ele abordava o **problema da ética tomando uma perspectiva teleológica**. No seu livro Reflexões sobre a Vaidade dos Homens, escrito em 1752, o autor relaciona o cânone evangélico do trecho bíblico extraído do Eclesiastes: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*, (Vaidade das vaidades, tudo é vaidade), ao pensamento das virtudes em Aristóteles. Outros tiveram importância como: **Feliciano Joaquim de Souza Nunes**, **Francisco Luis Leal** (ou Santos Leal).

Entretanto, com as reformas iluministas do **Marquês de Pombal** surgiu o empirismo mitigado que era caracterizado por uma visão científicista. **Silvestre Pinheiro Ferreira** introduziu no Brasil o empirismo e inaugurou um movimento de reação antiescolástica, reinterpretando **Aristóteles** com base no empirismo inglês de **John Locke**.

O padre **Azeredo Coutinho** foi bispo de Olinda que teceu importantes comentários sobre a administração colonial, contra as medidas mercantilismo em favor de uma perspectiva mais liberal. Dentre as diversas medidas das reformas pombalinas, estava o encerramento das atividades dos jesuítas no Brasil. Sendo os Jesuítas expulsos do Reino de Portugal e de suas colônias. Isso interrompeu todo o trabalho executado nas escolas dos jesuítas. A filosofia passa a ser divulgada em grupos secretos de maçons com o **Areópago de Itambé** em Recife, e entre outras lojas espalhadas nas regiões do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Tais grupos que estavam na vanguarda das revoltas que exigiam a emancipação do Brasil do Portugal.

Duzentos e dez anos após a chegada e de serem os únicos responsáveis pela educação no Brasil deixam a colônia cerca de quinhentos padres jesuítas, expulsos pelo **Marquês de Pombal**, Ministro de D. José I, paralisando 17 colégios, 36 missões, seminários menores e escolas elementares.

#### **Período Colonial: Século XIX**

O desenvolvimento da filosofia no Império do Brasil poderia ser dividida em três momentos: o primeiro reinado, e o Período regencial o segundo reinado. Durante o primeiro reinado é notável pela hegemonia do liberalismo iluminista do século XVIII. Com a experiência da administração liberal do período regencial, ocasionará do surgimento de correntes antagônicas ao iluminista. Muitos irão aderir a corrente espiritualista e metafísica tradicional gerada pela influência do romantismo.



No início do século XIX, o Brasil estava emergindo como país autônomo, sob o reinado de **D. Pedro I** muitos se entrelaçaram as reflexões filosóficas aos sentimentos patrióticos. Muita influência francesa é possível observar até na Constituição de 1824, inspirada no pensamento do poder moderador do pensador franco-suíço **Benjamin Constant**. Muitas contribuições políticas serão por parte de conservadores como **Visconde do Uruguai**, **Marquês de São Vicente**, **Zacarias de Góis** e **Vasconcelos**, **Visconde de Cairu** e

**Bernardo Pereira de Vasconcelos**; o liberalismo moderado **José Bonifácio** e **Hipólito José da Costa**; e o liberalismo radical de **Frei Caneca** e **Diogo Antônio Feijó**.

Durante o Período regencial, diante ao caos social gerada durante a hegemônica administração liberal, ajudou para que surgissem os primeiros elementos antagônicos contra ao iluminismo brasileiro. É importante observar que, com o fim do ensino dos jesuítas a forma da filosofia passa a ser de um método de escrita puramente ensaístico, gerando contribuições de pessoas de diversas áreas do conhecimento. O maior polo formador da erudição filosófica será as faculdades de direito como **Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo** e a **Faculdade**



de **Direito de Olinda**. Muitas contribuições para a filosofia será através de juristas, romancistas, poetas e políticos. Em 1838 foi criado o elemento de transformação para as ciências sociais foi a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, gerando o início para o estudo da historiografia do Brasil. Com o objetivo de compreender os elementos da integridade nacional será o foco da reflexão de **Francisco Adolfo de Varnhagen**.



Em reação ao iluminismo surge o ecletismo surgiu como uma fusão do espiritualismo metafísico, fruto do racionalismo francês de **René Descartes**, e do empirismo inglês de **John Locke** sendo o maior expoente o educador francês **Victor Cousin**. O ecletismo vai ter grande adesão na primeira metade do século XIX, por diversos setores da sociedade brasileira, como o poeta **Gonçalves de Magalhães**, pintor **Pedro Américo** e o médico **Eduardo Ferreira França** e **Antonio Pedro de Figueiredo**. Será característico a influência do indianismo como forma de buscar os valores de identidade da nação brasileira.

Em 1845 é fundado um grupo secreto de escritores chamado de **Sociedade Epicuréia**. Fundado por **Alvares de Azevedo Aureliano Lessa** e **Bernardo Guimarães**. Será composto por Boémia gerando discussões e sarais sobre a temática sombria da vida, refletindo elementos sobre a morte e satanismo. Exerceram muita influência do romantismo de **Lord Byron** e **Charles Baudelaire**. Foram também participantes: **Francisco Leite de Bittencourt Sampaio**, **Castro Alves**, **Fagundes Varela**, **João Cardoso de Meneses e Sousa (Barão de Paranapiacaba)** e **Múcio Teixeira**, entre outros. Na mesma época vai existir forte influência no direito no Brasil veio através do pensamento panteísta de **Karl Christian Friedrich Krause**, que tinha também influenciado fortemente a Espanha por **Julián Sanz del Río** e **Francisco Giner de los Ríos** que foi um dos fundadores da *Institución Libre de Enseñanza* sobre pedagogia com influência no krausismo. No Brasil terá mais repercussão no direito por: **João Teodoro Xavier de Matos** e **Carlos Mariano Galvão Bueno**. Na Faculdade de Direito de Recife O tomismo surge com o pensamento do paraibano **José Soriano de Souza** e tem respaldo em outros pensadores como: **João Mendes de Almeida Júnior**, **Leonel Franca Frei Firmino de Centelhas**, **José Maria Correia de Sá e Benevides**, **José Maria Correia de Sá e Benevides (Padre Júlio Maria)**.

Contudo, na segunda metade do século XIX, houve uma enorme mudança a partir do segundo reinado. Inicialmente com a introdução dos pensamentos de influência filosofia alemã. A partir desta corrente veio um período chamado por **Sílvio Romero** de "surto de novas ideias".



Na Faculdade de Direito de Recife, vai ser o polo florescedor do positivismo entre os intelectuais do Brasil, conhecido como Escola do Recife. Terão destaques desse grupo: **Tobias Barreto** que vai tentar trazer influência da filosofia alemã herdeira do kantismo. Teórico do monismo evolucionista, Barreto sofreu profundas influências do naturalista **Ernst Haeckel**. Essa Escola do Recife será uma forma do positivismo heterodoxo advogado por **Émile Littré** isso repercutirá em diversos pensadores como: **Sílvio Romero**, **Clóvis Beviláqua**, o historiador **Capistrano de Abreu**, o médico **Luís Pereira Barreto**, **Ivan Monteiro de Barros Lins** e por **Alberto Sales** entre outros

bacharéis. Isso fará com que o positivismo repercuta nas diversas camadas da sociedade imperial. Uma das grandes contribuições dos estudiosos do positivismo da Escola do Recife foi às primeiras tentativas de organizar a história da filosofia no Brasil, sendo esse o título das primeiras obras de Silvio Romero em 1878. Na região sul e sudeste do Brasil, o positivismo terá uma influência na sua forma ortodoxa com é defendido por **Pierre Laffitte**, com a criação da Igreja Positivista. Sendo os maiores expoentes no Brasil: **Miguel Lemos, Raimundo Teixeira Mendes e Benjamin Constant Botelho de Magalhães** que fundaram em 1876 a Sociedade Positivista do Brasil e a Igreja Positivista do Brasil em 1881. Todos advogaram o Estado laico, o ingresso das mulheres na política, e muito dessa filosofia irá servir de suporte ao movimento abolicionista liderado pelo liberal Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, e ao movimento republicano que culminou com a Proclamação da República do Brasil.

## Século XX



A República do Brasil também conhecida como a República dos Bacharéis demonstra a forte produção de juristas brasileiros. A primeira década do século XX vai ser marcada pelo positivismo. No direito vai ter respaldo por **Pontes de Miranda; Pedro Lessa** que compunha a Liga da Defesa Nacional que advogava a serviço militar obrigatório. Os princípios positivistas repercutiam em quase todas as camadas políticas do Brasil, principalmente durante esse período. Em contraponto, surgiram autores que foram contra essa corrente positivista, que era uma herança do kantismo. Um dos mais importantes foi à metafísica de **Raimundo de Farias Brito e Jackson de Figueiredo**. Figueiredo que foi o responsável pela fundação do Centro Dom Vital que era uma organização católica, responsável pela exposição do pensamento filosófico conservador ultramontano antiliberal e antimaçom. Depois da morte de Figueiredo, o Centro Dom Vital passou para ser administrado por **Alceu Amoroso Lima**. Outros autores importantes surgiram como: **Leonel Franca, Heráclito Fontoura Sobral Pinto e Manuel Bonfim**. Este último que travou um forte confronto contra **Silvio Romero** sobre a questão da importância da miscigenação para formação da identidade do povo brasileiro. Muitos positivistas, influenciados pela doutrina de **Arthur de Gobineau**, que tinha passado pelo Brasil, adotavam muitas posições racistas, e que o Brasil necessitaria passar por um processo de **embranquecimento racial**. **Manuel Bonfim** foi uma das principais vozes em antagonismo contra essas correntes advogando a miscigenação como um importante elemento positivo na formação da identidade nacional.

Um marco importante da produção cultural e filosófica, durante a primeira metade do século XX, foi a Semana de Arte Moderna de 1922. Marcados pela influência do futurismo de **Marinetti**, que pregava a total ruptura com a tradição cultural em favor da construção de uma nova cultura, uma nova forma de ser, genuinamente nacional. Seria possível detectar a primeira tentativa de buscar não mais uma filosofia no Brasil, mas uma filosofia do Brasil. Em busca dessa nova tentativa de reconstruir a identidade nacional, os modernistas passam a novamente, reconstruir a imagem do índio através da forma do primitivismo como o elemento central para a ruptura. Sendo as bases iniciais ditadas na Revista Klaxon Manifesto da Poesia Pau-Brasil, Movimento Verde-Amarelo e o Manifesto Antropófago. Essa onda artística tem

influências longínquas do hegelianismo. E como houve uma bifurcação política, é notável uma bifurcação dos autores em duas correntes. Os de direita hegeliana, unindo os princípios indianistas do modernismo à metafísica de **Farias Britam** realizado por **Plínio Salgado** que gerou o movimento nacionalista: Integralismo, inspirado no integralismo lusitano e no corporativismo. **Oswald de Andrade** incorpora os elementos do hegelianismo de esquerda e filia-se ao Partido Comunista Brasileiro. Apesar de no futuro largar a militância política, Oswald vai estudar sobre os princípios do homem cordial como elemento formador da nação, tema este que seu amigo **Mário de Andrade** também irá muito refletir. **Oswaldo Aranha** também é outro importante ícone dessa época. Outro importante expoente do nacionalismo foi **Arlindo Veiga dos Santos** criador da Frente Negra Brasileira e posteriormente a Ação Imperial Patrianovista Brasileira. Árduo defensor da monarquia, também foi influenciado pelo integralismo lusitano, mas jamais se filiando as fileiras do Integralismo, mas tinha uma relação cordial com **Plínio Salgado**. Do Integralismo surgiram diversos intelectuais e artistas, muitos com o foco voltado para o estudo da identidade nacional e a História do Brasil foram entre eles: **Gustavo Barroso e Luís da Câmara Cascudo**. **Miguel Reale** sofreu uma profunda influência das reflexões de **Plínio Salgado**, e vai recorrer ao neokantismo para elaborar sua teoria do direito tridimensional.

Outro grupo que se destaca em dar uma nova interpretação para História do Brasil foi à corrente marxista, dentre seus pensadores houve intelectuais como **Leôncio Basbaum, Caio Prado Júnior**. Dentro da corrente modernista, houve também os responsáveis pela reforma pedagogia conhecido como Escola Nova tendo como um dos principais expoentes **Anísio Teixeira**, que tinha influência das reformas educacionais de **John Dewey**.



Toda essa onda de nacionalismo culmina com a revolução de 30 e o regime de **Getúlio Vargas**. O positivismo demonstra sua forte influência na vida cultural do país, sendo um dos seus principais representantes **Francisco Campos** que criou a Legião de Outubro para dar suporte a Revolução de 30. Com as reformas educacionais de **Gustavo Capanema**, os princípios da Escola Nova passam a ser adotados. Getúlio Vargas em 1939 criou a **Faculdade Nacional de Filosofia** que passou a integrar a UFRJ. **Teodoro Augusto Ramos** passa a ser responsável pelo governo do Estado de São Paulo de **Armando de Salles Oliveira** para convocar eruditos para compor o corpo docente da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo que iria compor o que seria a USP. Nesse momento a filosofia no Brasil passa por uma profunda mudança, entrando na sua terceira fase, a academia universitária. A filosofia passa por um processo de profissionalização, sendo construído um departamento dentro da universidade. A partir desse momento, a filosofia na sua forma ensaística, realizada desde o século XIX perde mais seu valor para o jargão acadêmico. Com isso organiza-se a missão francesa da USP, que se desenvolveu em três fases distintas. Em 1934, são contratados professores experientes em universidades e liceus franceses, com o objetivo de abrir os cursos. Dos seis nomes que compõem essa primeira leva - **Émile Coornaert** (história), **Pierre Deffontaines** (geografia), **Robert Garric** (literatura francesa), **Paul-Arbousse Bastide** (sociologia), **Étienne Borne** (filosofia e psicologia) e **Michel Berveiller** (literatura greco-latina) - somente **Berveiller** e **Arbousse-Bastide** renovam os seus



contratos com a universidade no ano seguinte. Em 1935, o perfil do grupo se altera assim como a duração dos contratos, agora de três anos: trata-se de jovens agrégés, sem experiência no ensino superior, com exceção de **Fernand Braudel**. Além do professor de história, chegam ao país neste momento: **Pierre Hourcade** (literatura francesa), **Pierre Monbeig** (geografia), Claude Lévi-Strauss (segunda cadeira de sociologia) e Jean Maugüé (filosofia). **Monbeig e Maugüé** permanecem no país até 1944 e 1947, respectivamente, em função da eclosão da guerra. A partir de 1938, Dumas decide convidar docentes mais velhos, como fizera na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em 1935. Deste novo grupo de professores fazem parte: **Roger Bastide** (substituto de Lévi-Strauss), **Jean Gagé** (no lugar de Braudel), **Alfred Bonzon** (literatura francesa) e **Paul Hugon** (economia), que se estabelecerá definitivamente no país. Outros nomes importantes foram **Martial Gueroult** e **Victor Goldschmidt**. Assim, se tem o ingresso da filosofia continental, sendo muitos deles de orientação hegeliano com influências também no marxismo. Muitos desses intelectuais irão ser os maiores expoentes da **Escola dos Annales**. E nesse momento inaugura-se o marco da profissionalização da filosofia. Onde passa a se tornar uma profissão, e por isso, contém regras para separar os acadêmicos dos ensaístas como amadores. Assim, a partir da metade do século XX a filosofia passa a ter sua primeira onda de intelectuais acadêmicos: **João Cruz Costa, Washington Vita, Antonio Paim, Oswaldo Porchat Pereira, Ernildo Stein, Gerd Bornheim,**



**Bento Prado Júnior, José Arthur Giannotti, Paulo Arantes, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e João Quartim de Moraes;** e na sociologia: **Florestan Fernandes, Antônio Candido de Mello e Souza e Darcy Ribeiro.**

Enquanto na formação acadêmica foi profundamente marxista, no campo da teologia essa hegemonia não era plena. Havia profundos debates entre as teorias das teorias imanetistas

da teologia liberal como o padre **Henrique Cláudio de Lima Vaz, Paulo Freire, Leonardo Boff, frei Carlos Josaphat Evaldo Pauli e Rubem Alves**. A característica desses pensadores é partir das causas sociais geradoras da miséria e propor a pobreza e a libertação como temas discussão filosófica e teológica.

Inúmeros outros pensadores demonstram sua influencia, em geral, de matriz e orientação política contra esquerda, inspirados no conservadorismo e no ultramontanismo como a **Plínio Corrêa de Oliveira** criador da TFP, **Urbano Zilles** e **Gustavo Corção**. Também é importante a metafísica escolástica moderna de Mario Ferreira dos Santos. Destacam-se também os espiritualistas como **Leonardo Van Acker**, cujos pensamentos caracterizam-se como um humanismo cristão. O espiritualismo universalista teve ampla divulgação com pensamento e traduções de **Huberto Rohden** que vai influenciar a Nova Era no Brasil. Entre os estudiosos da filosofia do direito, com a teoria tridimensional do direito de **Miguel Reale** criou o **Instituto Brasileiro de Filosofia** que influenciou os juristas: **Tércio Sampaio Ferraz Jr., Miguel Reale Júnior** e a teoria da comunicação de **Vilém Flusser**. Outra importante contribuição para historiografia do Brasil veio por **Gilberto Freyre**.

Nos anos 60 também surge na Unicamp o desenvolvimento da lógica paraconsistente com **Newton da Costa, Walter Carnielli, Marcelo E. Coniglio e João Marcos de Almeida**, sendo um dos mais importantes expoentes da filosofia analítica.

Com o Regime Militar muitos intelectuais de esquerda se exilaram em outros países. Entraram em contato com outras correntes como o marxismo cultural e a psicanálise voltada para análise social. Durante o Regime Militar a esquerda continuou agindo intensamente nas universidades. Nesse momento o curso de filosofia volta-se mais para formação dos seminários para o clero. Por isso, nesse momento se tem o forte crescimento da teologia da libertação. Com a forte instrumentalização do conhecimento, raízes do positivismo dentre a tradição militar no Brasil, muitos críticos demonstraram a falta de eficiência das universidades terem uma filosofia, ou um filósofo verdadeiro. O autor dessa crítica nos anos 70 foi de **Roberto Gomes**, no seu livro **Crítica da Razão Tupiniquim**. Durante o regime militar criou disciplinas educativas para o ensino secundário para evitar a ampliação da esquerda e criou-se a **Educação Moral e Cívica**, que substituiu a filosofia (ver: Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo) e Estudos dos Problemas Brasileiros que substituiu a sociologia.

Com o fim do regime todos intelectuais de esquerda retornam, gerando uma nova onda de intelectuais. Aliada à corrente conservadora, o Brasil viu um novo nascer da teologia aliada ao estudo da filosofia clássica. Servindo para alargar e ao mesmo tempo buscando consolidar a história institucional da filosofia no Brasil, fundou-se em Belo Horizonte em 1939 a Faculdade de Filosofia, anexada posteriormente à Universidade de Minas Gerais, que mais tarde passaria por processo de federalização.



Ressaltado pelos estudiosos, a figura mais importante dessa época foi **Arthur Versiani Vellôso**, que em 1968 mostra-se à frente no momento da re-fundação da Faculdade, quando passou a se denominar Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (atual Fafich). Discípulo de **Leonel Franca**, de quem herdou a influência do pensamento católico francês, Vellôso era reconhecido por seus estudantes por alimentar uma admiração fervorosa pelas ideias de Kant. Assim, viajou duas vezes à Catedral de Königsberg, na Alemanha, para participar de visita ritualística à Sepultura de Kant (local conhecido no passado como Stoa Kantiana), com o corpo docente da universidade alemã. Seus trabalhos publicados variam entre livros, traduções e artigos – estes últimos em vários jornais e revistas, na qual se inclui a revista de filosofia mais antiga do país, a *Kriterion* (Departamento de Filosofia da UFMG), fundada em 1947, cuja criação ele estimulou e à qual seu nome viu-se definitivamente ligado. Figura proeminente nos meios intelectuais de Belo Horizonte, de fato Vellôso não deixou obra escrita de vulto, mas deixou outra obra não menos importante: a obra de fundador – da Faculdade e do Departamento de Filosofia. Menos conhecido pela geração atual – passadas quase três décadas depois de sua morte (1986) –, os estudiosos reconhecem, no entanto, que Vellôso formava no Brasil uma trinca com **João Cruz Costa** (São Paulo) e **Ernani Fiori** (Rio Grande do Sul). Já nessa época, ele laborava para fazer o Departamento de Filosofia conhecer-

se nacionalmente, ao mesmo tempo em que o fazendo impor sua identidade. Seu legado principal está no cultivo do gosto e do respeito pela disciplina filosófica, que foi transmitido aos discípulos mais por meio do ensino (altamente valorizado à época) do que através da pesquisa.

**José Henrique Santos** é o discípulo mais destacado de Vellôso, e o outro foi **Luiz de Carvalho Bicalho**, de quem se falará na sequência. Inicialmente aluno de Vellôso, José Henrique mais tarde torna-se colega de trabalho do mestre. Talvez a influência mais explícita de Vellôso esteja no interesse de José Henrique pela filosofia alemã (Kant, Husserl e Hegel, em especial). Sua biobibliografia intelectual é complexa e sólida. Por um lado, tem obra filosófica publicada variada e de vulto, a que se soma uma grande erudição e o cultivo das letras, inclusive da prosa filosófica, tendo sido, como Vellôso, membro da Academia Mineira de Letras. Por outro lado, com ele ganha corpo o que se entende propriamente por *ethos* acadêmico: José Henrique aderiu à história universitária, ocupando cargos importantes, como chefe de departamento, vice-reitor e reitor. Além disso, publicou artigos nos quais trata os temas do ensino, da cultura e do destino da universidade no Ocidente. Por fim, José Henrique foi responsável pela auto afirmação e o crescimento do Departamento de Filosofia da UFMG e é exemplo de liderança institucional, como reconhecem colegas e alunos em vários registros.

Formando um grupo com os dois filósofos, a terceira pessoa a citar – e provavelmente a mais conhecida – é **Henrique Cláudio de Lima Vaz**, inaciano com passagem por Roma (fez doutorado na Universidade Gregoriana), e cujo nome viu-se associado ao de Vellôso, mas por outros motivos e contingências. Radicado após voltar ao Brasil no seminário dos jesuítas, em Nova Friburgo, posteriormente, Lima Vaz estabeleceu-se no Departamento de Filosofia da UFMG, ao atender um convite de Vellôso, num contexto pessoalmente difícil, quando se viu forçado ao silêncio obsequioso, devido a questões políticas da época, em pleno regime militar. Conhecido por sua vasta erudição e pela grande penetração de seu pensamento, Lima Vaz deixou expressivo volume de obras e artigos publicados. Depois de sua morte, o Instituto Santo Inácio (atualmente Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte), local onde atuou até o fim da vida, batizou com o seu nome a Biblioteca e ergueu um Memorial, homenageando-o. Além da atuação acadêmica, Lima Vaz exerceu importante influência ideológico-política sobre segmentos da esquerda católica, num momento especial da história nacional – os anos 1960 –, tendo ajudado na elaboração da parte filosófica do documento que serviu de guia para a fundação da Ação Popular (AP), uma organização política de esquerda. Ademais, as ideias de Lima Vaz causaram impacto na Juventude Universitária Católica, depois filiada à AP. Nestes dois campos de atuação, a marca mais característica do pensamento de Lima Vaz está na tentativa de unir categorias aparentemente opostas: razão e fé, política e religião, imanência e transcendência, buscando os elementos da união nas obras de Platão, Tomás de Aquino e Hegel. Mais além da política e, de um modo ainda mais fundamental, no terreno filosófico, Lima Vaz preocupou-se desde cedo em fazer da experiência nacional um campo de reflexão da filosofia e, sem dúvida, seu nome figura na lista dos filósofos mais importantes para o desenvolvimento da filosofia no Brasil, no século XX.

Pode-se afirmar que o Departamento de Filosofia da UFMG cumpre um ciclo – o primeiro de três – com as três figuras representativas evocadas. Em contrapartida, uma fase nova abre-se com outro grupo de profissionais – ainda que as gerações sejam mescladas –, o qual se depara com questões diferentes e com outros desafios intelectuais e políticos. Isto, num momento da história do Departamento em que o ensino e a disseminação da filosofia para fora, a um tempo do Departamento e da própria Universidade, ficaram em primeiro plano.

Como consequência desse processo, a comunicação com outros centros de filosofia do país, que já era usual, suscita parcerias com qualidade, e uma nova frente se abre com diversas instituições do exterior. Por conseguinte, o trabalho integrado está mais intenso e novos patamares de excelência estão sendo alcançados, com a Pós-Graduação ao longo dos anos ocupando o topo nas avaliações da CAPES, e tendo em 2014 obtido a nota 7, a mais alta, ao lado da USP. Por sua vez, a repercussão e o reconhecimento de trabalhos publicados pelos pesquisadores é um fato indiscutível, resultando em novas referências acadêmico-intelectuais, podendo ser citados – a se tomar como critérios a senioridade, o volume e o impacto das obras publicadas – **Ivan Domingues** (epistemologia das ciências sociais e filosofia da tecnologia), **Newton Bignotto** (filosofia política), **Rodrigo Duarte** (estética e filosofia crítica frankfurtiana), **José Raimundo M. Neto** (história do ceticismo) e **Paulo Margutti** (hoje aposentado e dedicando sua carreira à filosofia do Brasil). Cabe em acréscimo, tal como sugerido acima, – e em continuidade a experiências já em curso desde os anos 70, mas agora em outro contexto e ambiente – dizer que a Filosofia dentro da UFMG tem extrapolado o âmbito do seu Departamento. Nesse sentido, iniciativas que levam a relações com Institutos, Faculdades e Departamentos de outros setores do conhecimento – conduzindo às vezes ao inter e ao transdisciplinar, com destaque a do professor Domingues, um dos fundadores do IEAT – Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares – são cada vez mais frequentes. Cite-se, ainda, **Rodrigo Duarte**, que foi Presidente da ANPOF, e **Patrícia Kauark** na direção do Espaço do Conhecimento da UFMG. E acrescente-se Marcelo P. Marques, Telma de S. Birchall e Patrícia Kauark na elaboração do currículo de filosofia do Ensino Médio em Minas Gerais, já implantado em todo o Estado, e **Rodrigo Duarte** exercendo o cargo de Pró-Reitor de Pós-Graduação. Por fim, soma-se a presença de professores em comissões e assessoria da CAPES e do CNPq, em continuidade a uma tradição iniciada com **José Henrique Santos**.

Décadas depois de fundação da Faculdade de Filosofia, o desafio agora é promover, de acordo com as diretrizes do Ministério da Educação, a internacionalização na Pós-Graduação, assim como atender as demandas cada vez mais prementes colocadas pelo Ensino Médio à Graduação.

Vários incentivos estatais vem sendo realizados para aperfeiçoamento dos profissionais filosóficos como em 1983 a Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia, pela CAPES. Que passa a financiar inúmeros eventos de filosofia ao redor do país. Muitos filósofos estão utilizando recursos virtuais como youtube para promover palestras e cursos ou ONGs como a Academia Brasileira de Filosofia. A partir dos anos 90 a maior preocupação se passa para educação da filosofia no ensino médio, que passa a ser obrigatório durante o governo Lula.

## **Ensino de filosofia no Brasil: A retomada do Ensino da Filosofia nos Ensino Fundamental e Médio.**

O Ensino da Filosofia havia como parte obrigatória do ensino médio, até que em 1961 a Lei 4.024/61 extirpou essa obrigatoriedade. A retomada do ensino da filosofia no ensino médio, a partir da década de 1990, com a criação dos parâmetros curriculares, em resposta à Lei 9394/96, a LDB, oferece uma visão do que seria imprescindível de ser ensinado. Neste sentido, vale recordar que durante o governo **Fernando Henrique Cardoso**, a obrigatoriedade do ensino da Filosofia não havia. Foi durante o governo de **Luiz Inácio Lula da Silva** que seu ensino tornou-se obrigatório. Isso abriu um campo de trabalho que estava represado para os licenciados em Filosofia (que antes deviam se restringir a serem professores de História, Sociologia ou Geografia).

O Ensino de Filosofia no Brasil tem que ser avaliado a partir de alguns parâmetros fundamentais. Primeiramente, deve ser identificado o processo de formação de docentes para o ensino de filosofia, em segundo lugar o material didático utilizado, em terceiro lugar os efeitos desse ensino para a sociedade - e sobre este aspecto as avaliações nunca estão a ser elaboradas. O processo de formação de docentes se dá por meio dos cursos de graduação em Filosofia. Por meio desses cursos, a licenciatura atende a uma formação que permite aos discentes se apropriem dos campos: teórico, prático e metafilosófico da disciplina, além de receberem os insumos pedagógicos básicos para o desempenho da função docente.

Teríamos que nos perguntar: qual papel cumprem esses novos professores? Em função dessa questão, os encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof) têm procurado criar espaços para avaliar como essa função docente tem ocorrido. Isso também tem sido objeto de discussão em grupos da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pedagogia (Anped).

Em relação aos livros didáticos de Filosofia para o Ensino Médio, temos que observar que há uma ampla variedade. Todos produzidos por professores doutores em Filosofia. Durante algum tempo foi praticamente um best-seller o livro da Profa. **Marilena Chauí** (Chauí, M. Convite à Filosofia, SP: Àtica, 2000). Vários outros livros têm se apresentado e, atualmente, vários professores do ensino médio utilizam blogues e outros meios de difusão de informações filosóficas. Todas essas questões, entretanto, não permitem notar quão profusa e profundamente o ensino de filosofia tem interferência na construção das visões de mundo das cidadãs e cidadãos no Brasil.

### **Referências**

COSTA, João Cruz. Contribuição à História das ideias no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1956.

PAIM, Antônio. O estudo do pensamento filosófico brasileiro. 1a. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

Ginés de Sepúlveda, Juan (trad. Marcelino Menéndez y Pelayo e Manuel Garcia-Pelayo) (1941). TRATADO sobre las Justas Causas de la Guerra contra Los Indios . México, DF: Fondo de Cultura Económica. p. 155.



Crow, John A. The Epic of Latin America, 4th ed. University of California Press, Berkeley: 1992.

Fabício Lyrio (2008), "A expulsão dos jesuítas da Bahia: aspectos econômicos", Revista Brasileira de História (São Paulo) 28 (55): 171–95.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_filosofia\\_no\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_filosofia_no_Brasil)